

Instituto de arte contemporânea

E, sem dúvida, o devaneio quer contemplar a grandeza. Talvez por influência da arte gótica, nós nos acostumamos a ver a grandeza sempre vertical, uma procura ao nível do religioso. Com essas esculturas negras e horizontais, descobrimos a imensidão íntima que não nos traz o silêncio apaziguador, mas o silêncio do espaço profundo, da meditação.

E a meditação coloca-nos diante da consciência — aguda, no caso do mármore branco; grave, quando o mármore é negro. Enquanto o branco nos faz refletir sobre o espaço externo ao objeto, ilumina para fora, o preto conduz a reflexão para dentro da peça, obriga-nos a um mergulho

Vicini/Ricardo Giraldez



ARTES VISUAIS

Profundezas do negro

Sérgio Camargo, esculturas (de 3 milhões a 25 milhões de cruzeiros). Gabinete de Arte Raquel Babenco, São Paulo.

■ A escultura brasileira possui cinco vertentes principais. Sérgio Camargo é uma delas — os outros escultores do mesmo nível são Frans Krajcberg (ecologia), José Resende (conceitual), Amílcar de Castro (*minimal*) e Franz Weissman (construtivismo).

Partindo de uma forma rítmica, em madeira, Sérgio Camargo chegou ao mármore num percurso de dez anos. Primeiro, o mármore branco — que, ao contrário da madeira, pode compor mais silêncios e luminosidades —; agora, o mármore negro, que oferece novos fenômenos artísticos, num jogo de opostos com o material anteriormente explorado.

O espaço agora é profundo; chega à imensidão íntima de que nos fala Gaston Bachelard: "Categoria filosófica do devaneio".

Mármore negro, Camargo íntimo

— diríamos mais contundente — na vastidão de seu interior.

Poucas vezes a escultura provoca tais sensações. Quem sabe porque ela se aproveitou demais da forma e pouco da linguagem — esta, mais ligada à idéia, como estrutura em movimento. Sérgio Camargo conseguiu refletir sobre a linguagem plástica, deixando fluir a forma como consequência.

● **Alberto Beuttenmüller**

SEAC 6/24